

## Imigração, identidade, feminismo e gênero em *Febre tropical* (2021) de Juliana (Julián) Delgado Lopera

Ana Paula de Souza<sup>1</sup>

Resenha de:

DELGADO LOPERA, J. **Febre tropical**. Trad. Natalia Borges Polesso. São Paulo: Editora Instante, 2021, 256 p.

*Febre tropical* (2021) é o romance de estreia de Juliana (Julián)<sup>2</sup> Delgado Lopera (1988), escritor<sup>3</sup> e artista *queer* colombiano radicado nos Estados Unidos desde 2003. Nesse romance, a narradora-protagonista Francisca Martínez Juan rememora, de forma melancólica, irônica e bem-humorada, a migração da família da andina Bogotá para a quente e úmida Miami quando ela tinha quinze anos.

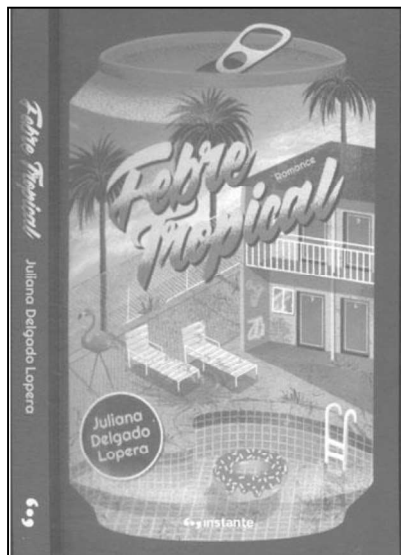
---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Professora Adjunto IV da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, Departamento de Letras, Área de espanhol e literaturas hispânicas. Professora credenciada junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – PPGEL/UFMT.

<sup>2</sup> Após a publicação do romance, o autor, pessoa que se identifica com o gênero não binário, adotou o nome Julián Delgado Lopera.

<sup>3</sup> Para referir-me ao autor do romance, embora se trate de uma pessoa cuja identidade de gênero é não binária, na ausência de normatização na língua portuguesa para se referir de maneira adequada a essas pessoas, utilizarei a desinênciade gênero masculina, uma vez que essa desinênciade também é considerada neutra pela norma padrão.

A experiência do deslocamento está no cerne da narrativa. E não se trata apenas do deslocamento geográfico Bogotá – Miami, mas de deslocamentos de outra ordem, como os da sexualidade e da identidade de gênero, e o da linguagem por meio da qual o romance é escrito. Francisca é uma narradora-protagonista que flui entre Bogotá e Miami, entre o masculino e o feminino, entre o inglês e o espanhol.



*Febre tropical* foi lançado originalmente em 2020, escrito em um inglês salpicado de frases e expressões em espanhol, uma tentativa criativa e bem-sucedida de reproduzir o hibridismo da linguagem dos imigrantes hispânicos que vivem nos Estados Unidos. Em 2021, o romance recebeu a cuidadosa tradução de Natalia B. Polesso, que optou por traduzir para o português todas as passagens do original em inglês, mas mantendo as frases e expressões em espanhol para possibilitar ao leitor brasileiro a experiência da leitura híbrida. No mais, a linguagem de Delgado Lopera proporciona uma leitura ágil e divertida. Sua escrita é repleta de ironias, mas também denota habilidade na construção de metáforas sinestésicas bastante originais, que conferem ao texto um certo grau de lirismo. Para produzir o efeito de humor, além da ironia, Delgado Lopera lança mão de expressões mais vulgares, próprias do linguajar de uma adolescente nada

convencional. A narradora também utiliza, de forma abundante, o recurso de se referir ao público leitor em segunda pessoa do singular. Aliás, Francisca imagina seu público como sendo um público essencialmente feminino.

O romance foi escrito em dezesseis capítulos, uma possível remissão à idade da narradora-protagonista (entre quinze e dezesseis anos) no tempo do enunciado. Na maior parte dos capítulos, Francisca concentra-se em rememorar os primeiros meses da vida da disfuncional família Martínez Juan em Miami, um clã exclusivamente feminino, formado por três gerações de mulheres: a avó Alba, a mãe Myriam e as filhas Francisca e Lucía. Alba, proveniente de uma família outrora abastada de Cartagena, é uma sexagenária voluptuosa cuja tendência à álcool-dependência se agrava com a migração. Mas, apesar da suposta suspensão da realidade provocada pelas inúmeras latas de *Sprite* batizadas com rum, Alba constitui, junto à Francisca, a dupla mais lúcida da família. Myriam acumula as frustrações de um casamento desfeito e das dificuldades financeiras vividas na instável economia colombiana do início dos anos 2000. Seduzida pelos discursos de familiares e amigos que estavam se dando bem na “terra prometida”, decide conduzir a família pelo não menos frustrante caminho da migração. É também Myriam quem impõe à família a alienação de uma repentina e fervorosa conversão à *Iglesia Cristiana Jesucristo Redentor*, à qual a filha mais nova adere sem maiores questionamentos. Sempre alegre, devotadamente engajada na nova igreja e alheia à crise vivida pela família, Lucía é o perfeito contraponto de Francisca. A protagonista vivia sempre triste e preocupada,

toda vestida de preto e com um forte traço de delineador nos olhos. A *chica rara*<sup>4</sup> era fã de rock alternativo e leitora de Sylvia Plath.

Quanto à temática, *Febre tropical* é um romance que discute questões como imigração, identidade cultural e sexual e feminismo.

Francisca não é o que Julia Kristeva (1994, p. 18) chamaria de migrante “crédulo”, aquele que parte para o estrangeiro, apaixonadamente, como quem parte para a “terra prometida”, onde o espera nada além de um futuro próspero, e nunca os revezes. Francisca é mesmo uma migrante “ironista”. Vive intensamente a angústia da Bogotá perdida, tem saudades, desejo de voltar, detesta a mãe por ter tomado a decisão de partir, resiste a integrar-se e adaptar-se ao novo espaço, e não alimenta qualquer ilusão sobre a possibilidade de uma vida melhor nos Estados Unidos. Aliás, a postura ironista que a escritora atribui à protagonista é positiva, porque é por meio dessa visão aguda e irônica, que os leitores têm acesso a um retrato desmistificado da migração dos latino-americanos para os Estados Unidos. Ao contrário da maioria dos migrantes latinos, a protagonista desconfia da milagrosa oportunidade de ascensão social. O olhar de Francisca sobre a periferia de Miami é crítico, dotado de uma capacidade de enxergar uma realidade de pobreza, desigualdade social e abandono que é invisível aos olhos dos demais personagens. Há um evidente contraste entre a visão ironista da narradora-protagonista e a visão crédula dos demais personagens migrantes, como por exemplo, o de sua mãe, incapaz de enxergar em Miami os problemas sociais que

---

<sup>4</sup> A expressão pode ser traduzida como “garota estranha”. Trata-se de uma expressão cunhada pela escritora espanhola Carmen Martín-Gaité ao analisar a protagonista Andrea do romance *Nada* (1945) de Carmen Laforet, considerada a personagem que inaugura nas letras hispânicas uma tradição de personagens femininas extravagantes, irreverentes, deslocadas e de comportamento pouco convencional. (MARTIN-GAITE, 1999, p. 101 - 122)

Francisca faz questão de apontar. Sem admitir o fracasso de seu projeto migratório, o subemprego, a falta de dinheiro e perspectivas, Myriam encontra na Igreja de *Jesucristo Redentor* e em pílulas de Zoloft a anestesia para seguir em frente com o projeto fracassado. Sobre o comportamento dos hispânicos migrados a Miami, a protagonista observa um patriotismo exacerbado e o preconceito entre os próprios imigrantes devido a sua origem. Pela ótica da narradora protagonista, Delgado Lopera oferece um retrato realista e crítico da periferia de Miami, da pobreza real e inegável que existe numa das cidades mais ricas do mundo. A protagonista conta também como, nos primeiros anos de vida em Miami, não houve integração na sociedade estadunidense, Francisca e sua família, como a maioria dos migrantes hispânicos, permaneceram isoladas na periferia de Miami.

Com relação ao tema da identidade, por meio dos dilemas vividos pela protagonista, Delgado Lopera consegue problematizar uma certa concepção de identidade cultural homogênea e unívoca, ao demonstrar como, na contemporaneidade, essa concepção não se sustenta. (HALL, 2005, p. 12) O romance discute o que significa ser uma colombiana vivendo nos EUA, o que significa ser colombiana ante os olhos de outros colombianos migrados, além de demonstrar como essa identidade colombiana é plural. De maneira paradoxal, ao mesmo tempo em que refuta a univocidade da identidade cultural colombiana, em determinados momentos, a narradora dedica-se a desenhando um perfil da mulher colombiana típica, numa tentativa de se vincular a esse grupo social ao qual pertencem suas ancestrais.

Francisca lembra de si aos quinze anos de idade como uma garota deslocada em seu modo de ser e estar no mundo. Nesse típico romance de aprendizagem, além de ter de lidar com a migração em

meio à sensação de inadequação natural da adolescência, Francisca lida também com as descobertas da bissexualidade e de uma identidade de gênero não-binária.

O feminismo está na postura da protagonista que, embora muito jovem, é uma espécie de feminista intuitiva, porque está sempre posicionando-se de maneira crítica diante das desigualdades sociais entre homens e mulheres, além do fato de que como contadora da história, Francisca deposita toda a força de sua narrativa nas histórias entrelaçadas de três gerações de mulheres, saudando suas antecessoras ao destacar a força com que a avó e mãe assumem a manutenção da família quando os homens, provedores presumidos, falham em seu dever.

Apenas em dois dos dezesseis capítulos Francisca desvia o foco narrativo da experiência da migração e de suas vivências íntimas para recuperar as histórias de vida da mãe e da avó, quando ambas tinham exatamente a mesma idade da protagonista. Essas digressões interessam porque contam histórias de repressão e abuso contra a mulher, além de oferecerem aos leitores pequenos panoramas de dois momentos da história colombiana. No *Capítulo diez*<sup>5</sup>, Francisca narra o desejo da mãe de empreender para sair da pobreza da periferia de Bogotá e seu envolvimento com a alta sociedade da capital colombiana, um círculo social de relações tóxicas no qual Myriam acaba tornando-se usuária de drogas e sendo vítima de violência contra mulher. Nesse capítulo, por meio do relato sobre a juventude de Myriam, o escritor compõe um retrato dos anseios de uma geração de mulheres que, ao final dos anos 1970 e início dos 1980, mais que um

---

<sup>5</sup> Os títulos dos capítulos são escritos em espanhol, mesmo no original em inglês.

bom casamento, aspiravam por uma carreira e pela independência financeira. O capítulo oferece também um interessante painel sobre a vida na periferia de Bogotá, a ascensão do narcotráfico na Colômbia e as relações da elite e dos políticos com esse novo fenômeno que marcaria a história social colombiana.

No *Capítulo trece*, Francisca abre um segundo parêntesis na narrativa para revisitar os quinze anos da avó Alba na Cartagena dos anos 1950. Descendente de uma família abastada, Alba era a mais bela e cobiçada jovem da cidade. Na porta da casa de seu pai, dezenas de homens da região enfileiravam-se aguardando o momento de se apresentarem, fazerem suas propostas de casamento e serem, ritualmente, rejeitados por Albita. Nesse capítulo, o exagero nas histórias sobre os pretendentes da avó Alba parece estabelecer um sutil intertexto com o realismo mágico do colombiano García Márquez. E por que Albita rejeitava, sistematicamente, todos os pretendentes? Bem, esse capítulo revela a razão da profunda cumplicidade entre avó e neta. Na adolescência, ambas conviveram com desejos que não correspondiam à heteronormatividade socialmente imposta.

Do ponto de vista histórico, esse capítulo entrega um breve panorama da história da cidade portuária de Cartagena, desde a riqueza do período colonial, tempos de mineração e de escravização, até a decadência advinda com a independência da Espanha e a libertação dos negros escravizados.

Leve, divertido, bem escrito, poético e politizado, *Febre tropical* é um excelente *debut* de Delgado Lopera no universo literário. Trata-se de um romance que impele o leitor a pensar questões socialmente relevantes como a imigração América Latina – EUA, as concepções de identidade cultural, além de informar sobre diferentes momentos

da história da Colômbia, sempre com foco na condição das mulheres naquela sociedade, seus desafios e conquistas. Feminista e questionador, esse romance se vincula à tendência contemporânea de indagar a heteronormatividade da sexualidade e da identidade de gênero.

#### REFERÊNCIAS

- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MARTÍN-GAITE, C. La chica rara. In: **Desde la ventana**. 3 ed. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 101 122.